

Automonitoria e habilidades sociais: Revisão conceitual, escalas de medida e convergência de escalas

Self-monitoring and social skills: Conceptual review, measurement scales and convergence of scales

Marcia Cristina Monteiro¹, Adriana Benevides Soares²

RESUMO: A automonitoria pode ser considerada uma habilidade complexa, fundamental para as habilidades sociais e competência social, pois permite que a pessoa intérprete, expresse e execute ações com autonomia em diferentes situações sociais. Pretende-se fazer uma revisão conceitual sobre o que é automonitoria e mostrar evidências de validade convergente e discriminante entre as Escalas de Automonitoria e o Inventário Habilidades Sociais. Participaram do estudo 500 universitários de diferentes graduações, idade entre 18 a 36 anos, ambos os sexos e utilizou-se para coleta de dados as Escalas de Automonitoria - versão de 10 e 18 itens - e o Inventário de Habilidades Sociais. Os resultados não indicaram correlação, o que pode implicar que os instrumentos mensuram construtos diversos. Entretanto, é relevante novas pesquisas no cenário nacional para a melhor compreensão do funcionamento das Escalas de Automonitoria, considerando a importância da Automonitoria nos estudos internacionais aplicados em diferentes contextos da Psicologia.

Palavras-chave: Automonitoria; Habilidades Sociais; Avaliação Psicológica; Estudante Universitário; Convergência de Escalas.

ABSTRACT: Self-monitoring can be considered a complex skill, fundamental to social skills and social competence, as it allows the person to interpret, express and execute actions with autonomy in different social situations. It is intended to make a conceptual review about what is self-monitoring and to show evidence of convergent and discriminant validity between the Self-Monitoring Scales and the Social Skills Inventory. The study included 500 university students of different grades, aged between 18 and 36 years, both sexes. The Self-Monitoring Scales - version of 10 and 18 items - and the Social Skills Inventory were used for data collection. The results do not indicate a relation and it can indicate that the instruments measure different constructs. However, new research in the national scenario is relevant to a better understanding of the functioning of the Self-Monitoring Scale, considering the

¹ Universidade Salgado de Oliveira e Universidade Brasil (UNIESP)

² Universidade Salgado de Oliveira e Universidade do Estado do Rio de Janeiro

importance of self-monitoring in the international studies applied in different contexts of Psychology.

Keywords: Self-Monitoring; Social Skills; Psychological Evaluation; University Student Convergence of Scales.

Introdução

No cotidiano das interações sociais percebe-se que há pessoas, mais do que outras, que conseguem controlar a forma de expressar comportamentos. Como também, há aquelas que se apresentam mais habilidosas em lidarem com situações como iniciar e dar continuidade a uma conversar, negar pedidos abusivos de colegas entre outras. Estas situações se referem aos construtos automonitoria e habilidades sociais.

A automonitoria em Psicologia foi inicialmente conceituada por Snyder (1974; 1979a; 1979b) e refere-se à habilidade que uma pessoa possui de gerir a própria autoapresentação, modelando as ações de acordo com as pistas situacionais captadas do ambiente. A automonitoria é a habilidade que uma pessoa possui de gerir a autoapresentação, regulando o comportamento e acomodando-o às situações sociais. Ser sensível às próprias demandas e as dos outros, atento as nuances do contexto, autorregulando o comportamento, muito facilitaria na construção de novas amizades, na relação com as pessoas nos diferentes contextos nos quais o sujeito interage, destacando a importância da automonitoria (Monteiro & Soares, 2017a).

Snyder (1974) define automonitoria como a habilidade de manejar a autoapresentação por meio do controle expressivo do comportamento em resposta ao contexto (Soibel et al., 2012). A definição de automonitoria ressalta que a pessoa que autorregula a apresentação está atenta a si e a outro. Outrossim, além de controlar o comportamento expressivo, a autoapresentação e a manifestação não-verbal, o automonitoria possibilita situações de mudança na interação quando percebida como necessária. Para Schutte et al. (2001)

automonitoria envolveria habilidades como a empatia, a capacidade de se automonitorar em situações sociais, boas habilidades sociais e cooperação.

O conceito de automonitoria (Snyder, 1974) originalmente refere-se às diferenças individuais na habilidade em regular a expressão de comportamentos e a aparência pública, considerando os aspectos externos para obter pistas relevantes para o desempenho. Segundo Fuglestad e Snyder (2010), a automonitoria é uma habilidade que tem o objetivo de facilitar a comunicação do estado emocional de uma pessoa por meio de apresentação expressiva, camuflando adaptativamente um estado inapropriado. Desta forma, a pessoa parece estar vivenciando um momento emocional apropriado quando na realidade o que sente é bem diferente do que expressa. Esse processo facilitaria a busca de pistas sobre o comportamento do outro, indicando a expressão mais apropriada para determinada situação. Por outro lado, os mesmos autores afirmam que as pessoas que não aprenderam a ter uma preocupação na adequação de suas autoapresentações não desenvolveram bem as habilidades de automonitoria e não seriam tão vigilantes em comparar informações sociais sobre padrões de expressão e experiência. Seriam mais atentos aos sentimentos que a situação ocasiona em si e nos demais do que procurar monitorar ou mesmo controlar o próprio comportamento para adaptarem-se à situação vivenciada.

Em outros termos, os automonitores elevados são atentos ao próprio comportamento e às consequências sociais deste. Os indivíduos com baixos escores em automonitoria investem emocionalmente em situações particulares e tendem a expor comportamentos mais relacionados às disposições internas. Os automonitores elevados são atentos ao próprio comportamento e às consequências sociais deste, regulam a expressão da autoapresentação pelo fato de preocuparem-se com a presença pública, por serem responsivos às pistas do contexto social e interpessoal e por visarem uma adequação situacional. Os indivíduos com baixos escores em automonitoria investem emocionalmente em situações particulares e

tendem a expor comportamentos mais relacionados às disposições internas, ou seja, são mais alinhados aos aspectos internos ao se autoapresentarem (Barreiros, 2011; Leone, 2006).

Em termos de estudos empíricos no cenário nacional, tem-se a pesquisa de Monteiro e Soares (2017a) com estudantes de instituições de Ensino Superior pública e privada sobre a concepção de automonitoria. Constatou-se que a automonitoria é compreendida como a expressão de comportamentos passíveis de serem controlados, avaliados, autorregulados. Os alunos entendem ainda serem autossuficientes na condução desses comportamentos, demonstrando a crença que seria a habilidade aprendida no contexto familiar, constituindo parte das causas da grande evasão observada no Ensino Superior.

Guarino, Michael e Hocevar (1998) em pesquisa com universitários norte-americanos, concluíram que o engajamento à universidade entre os participantes do sexo masculino e com escores elevados em automonitoria era significativamente mais elevado do que os alunos com baixo escore em automonitoria. Por outro lado, os estudantes com baixo escore em automonitoria se engajaram mais academicamente do que os alunos com altos escores em automonitoria.

No campo das habilidades sociais a automonitoria é uma habilidade estruturante para outras habilidades (Del Prette & Del Prette, 2001), responsável pelo desempenho socialmente eficaz de qualquer habilidade social (Robalinho, 2013). A automonitoria envolve a capacidade cognitiva de observar, descrever, interpretar e regular os próprios sentimentos, pensamentos e ações nas situações sociais (Del Prette & Del Prette, 2010). Posteriormente o conceito foi revisto pelos autores, incluindo mais comportamentos, como identificar e descrever eventos antecedentes e consequentes, avaliar o próprio comportamento e escolher respostas com maior probabilidade de reforço. Em outros termos, no campo das Habilidades Sociais a automonitoria é definida como uma habilidade fundamental para o desempenho de comportamentos socialmente competentes. É definida como uma habilidade metacognitiva e

que envolve a capacidade do indivíduo para observar, regular, interpretar os próprios sentimentos, pensamentos e ações na interação social (Dias, A. Del Prette, & Del Prette, 2013). Os autores destacam que há escassez de estudos no campo das habilidades sociais sobre automonitoria, o que representa um desafio conceitual e empírico.

Robalinho (2013) pesquisou automonitoria, problemas de comportamento e habilidades sociais em 220 crianças do terceiro ao sexto ano do Ensino Fundamental. A pesquisa apontou que o grupo com escores superiores em habilidades sociais e baixo escore em problemas de comportamento apresentaram melhor desempenho em descrever as ações das outras pessoas, elaborar possíveis alternativas de ação, antever os sentimentos dos outros e relatar possíveis alterações na direção das ações futuras, reforçando a necessidade de investir em intervenções que promovam a automonitoria em crianças na idade escolar.

Já Dias (2014) desenvolveu uma pesquisa com 17 crianças da pré-escola sobre conceituação, avaliação e promoção da automonitoria e sua relação com competência social e comportamentos-problema. A pesquisa apontou correlação positiva entre escores de automonitoria e habilidades sociais e correlação negativa entre automonitoria e comportamentos-problema. O grupo participante na intervenção apresentou melhoras nas habilidades sociais, na automonitoria e competência social, mas não na redução de comportamentos-problema, sugerindo a viabilidade de estudos sobre automonitoria com crianças.

Outras pesquisas empregaram o termo automonitoramento como técnica de registro do próprio comportamento. Dantas e Rodrigues (2013) realizaram estudo através de levantamento bibliográfico sobre metacognição como intervenção psicopedagógica para o desenvolvimento do automonitoramento. Os pesquisadores tiveram o objetivo de compreender a metacognição como um comportamento do aprendente na sua relação com o conhecimento, o que envolve a percepção do objeto do conhecimento, de si mesmo e do

controle de seus recursos. Em estudo desenvolvido por Bohm e Gimenes (2012) com paciente que apresentava síndrome do intestino irritável, os autores adotaram o conceito de automonitoramento para definir o comportamento de observar e registrar o próprio comportamento emitido pela pessoa e de eventos ambientais relacionados. No estudo houve uma melhora não programada dos sintomas como possível efeito de reatividade ao automonitoramento.

Em estudo realizado por Vendramini e Benvenuti (2013) a mudança do comportamento em crianças foi relacionada ao automonitoramento do comportamento dos cuidadores. O estudo contou com cinco pares de cuidadores-crianças, sendo que três concluíram o programa de automonitoramento, sugerindo que o conceito foi relevante como ferramenta de controle no contexto de pesquisa aplicada para as mudanças ocorridas.

Em termos da Educação Superior, há a importância de formar e instrumentalizar futuros profissionais para lidar com diferentes contextos (Kienen, Kubo & Botomé, 2013). A Universidade precisa assumir um posicionamento mais decisivo na formação de profissionais, de modo a atender às novas demandas do mercado de trabalho. Há universidades que têm demonstrado atenção no sentido de investir em setores que propiciam o fomento na formação, como estágios, empreendedorismo, programas de formação continuada e projetos de extensão universitária. (Del Prette & Del Prette, 2003; Mourão & Puente-Palacios, 2006). A literatura aponta a insuficiência de estratégias e a importância de garantir o desenvolvimento social e emocional dos graduandos e futuros profissionais (Fang, 2012; Ponsa, et al., 2012).

O construto automonitoria supostamente tem associação com as relações interpessoais, considerando que indivíduos com elevados escores em automonitoria interagem sem apresentar muita inibição de se expor e estão atentos às pistas do contexto e aqueles com baixos escores em automonitoria são mais orientados para as questões internas de si e do outro (Sütcü1, Algül & Uralman, 2015). Neste sentido, os automonitores elevados procuram

utilizar estratégias de gestão de impressão, comunicando e produzindo autorepresentações no outro a partir de características presentes na interação, como uma forma de adequação àquele contexto e que pessoas com alto escore em automonitoria exibem uma maior capacidade e motivação para apresentarem comportamentos que respondam a pistas sociais (Barreiros, 2011). Desta forma, promovem comportamentos ou ações que conduzam a resultados mais adaptados à situação vivenciada, mostrando que pessoas denominadas de automonitores elevados buscam mais informações sobre as relações interpessoais.

Por habilidades sociais compreende-se um conjunto de comportamentos que possibilitam um desempenho social adequado (Del Prette & Del Prette, 2017). Para os autores, pessoas que exibem um repertório de habilidades sociais mais elaborado, tendem a apresentar melhores condições de se adequarem à realidade do contexto, a manifestarem e defenderem posicionamentos, aprimorando suas relações com ou outro. Ademais, um repertório extenso de habilidades sociais implica numa diversidade de posições interpessoais, promovendo interações socialmente adequadas no cotidiano.

A automonitoria pode ser considerada uma habilidade complexa, fundamental para as habilidades sociais e competência social, pois permite que a pessoa intérprete, expresse e execute ações com autonomia em diferentes situações sociais, o que implicaria, por exemplo, em atitudes mais amigáveis no contexto. Sendo assim, pretende-se fazer uma revisão conceitual sobre o que é automonitoria e apresentar indicadores de validade convergente e discriminante entre as escalas de automonitoria e a de habilidades sociais.

Método

Participantes

O estudo contou com 500 estudantes, sendo 122 homens (24,4%), idade de 18 a 58 anos, de diferentes graduações e períodos. Contou-se com 320 (64%) do curso de Psicologia, 48 (9,6%) de Odontologia, 35 (7%) de Educação Física, 18 (3,6%) de outros cursos, 15 (3%)

de Engenharia, 14 (2,8) de Serviço Social e História (respectivamente), 12 (2,4%) de Matemática, seis (1,2%) de Enfermagem, quatro (0,8%) de Administração, Pedagogia e Biomedicina (respectivamente), dois (0,4%) nos cursos de Direito e Ciências Contábeis e um (0,2%) respectivamente nos cursos de Comunicação Social e Letras de Instituições de Ensino Superior privadas situadas no estado do Rio de Janeiro. Em termos de período, foram 134 (26,8%) do primeiro período, 33(6,6%) do segundo, 119 (238%) do terceiro, 27 (5,4%) do quarto, 63 (12,6%) do quinto, 29 (5,8%) do sexto, 58 (11,6%) do sétimo, 26 (5,2%) do oitavo, seis (1,8%) do nono e cinco (1%) do décimo.

Instrumentos

Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Z. Del Prette e Del Prette (2001) é um instrumento de autorrelato e mensura habilidades sociais ($\alpha=0,75$). É constituído por 38 itens, que descrevem uma situação de relação interpessoal e uma demanda de habilidade em resposta àquela situação. O respondente deve estimar a frequência com que reage em cada forma sugerida nos itens, considerando o total de vezes que se encontrou na situação descrita. A resposta ao item é em escala de cinco pontos, variando de zero (nunca ou raramente) a 4 (sempre ou quase sempre). Em alguns itens há o uso de termos “negativos”, isto é, a pontuação mais alta indica déficit de habilidades sociais, devendo-se inverter a pontuação para a obtenção do escore. A Escala tem uma estrutura composta por cinco fatores: Autoafirmação e Enfrentamento com Risco (AAER) ($\alpha=0,96$); Autoafirmação na Expressão de Afeto Positivo (AAEAP) ($\alpha=0,86$), Conversação e Desenvoltura Social (CDS) ($\alpha=0,81$), Autoexposição a Desconhecidos ou Situações Novas (AEDSN) ($\alpha=0,75$) e finalmente Autocontrole da Agressividade a Situações Aversivas (ACA) ($\alpha=0,74$).

Escala de Automonitoria [EA] (Snyder & Gangestad, 1986) adaptada e validada por Monteiro e Soares (2017b). Composta por 10 e com marcação do tipo falso ou verdadeiro.

Possui dois fatores denominados de: Fator 1 Reações externalizantes (EA_Ext), ($\alpha=0,92$) e Fator 2 Reações internalizantes [EA_Int] ($\alpha=0,83$).

Procedimentos éticos

Os participantes foram informados do objetivo do estudo, que a participação era voluntária e não remunerada, podendo o participante declinar da participação no estudo a qualquer momento. Todos os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Procedimentos de coleta de dados

Foi realizado contato prévio com as coordenações das graduações para apresentar a pesquisa e solicitar a aplicação dos instrumentos em sala de aula com a devida permissão dos docentes. Houve também a resposta aos instrumentos em momentos de tempo livre dos voluntários. Na coleta de dados também foi utilizado modelo de 18 itens traduzido e adaptado para a realidade brasileira.

Procedimento de análise de dados

Foram realizadas análises de Correlação de Pearson a fim de observar a relação entre o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) com os escores de Automonitoria (fatores Externalizante e Internalizante) nas versões de 10 e 18 itens.

Resultados

Conforme pode ser visto na Tabela 1, todos os fatores do IHS, incluindo o escore geral, apresentam correlações baixas com a EA, tanto em sua versão de 10 itens, como em sua versão de 18 itens. Tanto para a versão de 10 itens, quanto para a versão de 18 itens, a maior correlação encontrada foi entre o fator AEDSN da IHS com o fator Externo da EA.

Tabela 1

Correlações de Pearson entre o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) e a Escala de automonitoria (externa e interna) em suas versões de 10 e 18 itens

Fatores	Inventário de Habilidades Sociais						Escala de Automonitoria (10 itens)		Escala de Automonitoria (18 itens)	
	AAEAR	AAEAP	CDS	AEDSN	ACA	Total	EA (Ext)	EA (Int)	EA (Ext)	EA (Int)
AAEAR	-									
AAEAP	0,428**	-								
CDS	0,304**	0,243**	-							
AEDSN	0,386**	0,244**	0,465**	-						
ACA	-0,064	-0,058	0,104*	0,02	-					
IHS Total	0,665**	0,561**	0,717**	0,744**	0,344**	-				
EA (Ext) 10 itens	0,074	0,111*	0,055	0,168**	0,015	0,138**	-			
EA (Int) 10 itens	-0,097*	0,069	0,152**	0,017	0,030	0,052	0,037	-		
EA (Ext) 18 itens	0,304**	0,161**	0,188**	0,334**	-0,043	0,328**	0,632**	0,011	-	
EA (Int) 18 itens	-0,189**	0,068	0,047	-0,026	0,105*	-0,010	0,055	0,654**	-0,326**	-

Nota: ** $p < 0,001$; AAER – Fator Enfrentamento e Autoafirmação com Risco; AAEAP – Fator Autoafirmação na Expressão de Sentimento Positivo; CDS – Fator Conversação e Desenvoltura Social; AEDSN – Fator Autoexposição a Desconhecidos e Situações Novas; ACA – Fator Autocontrole da Agressividade; TOTAL = Escore total do IHS; EA (Ext) – Escala de Automonitoria Fator Externalizante; EA_Int – Escala de automonitoria Fator Internalizante; Grifado na tabela encontram-se as relações intrainstrumentos.

Fonte. Elaborada pelos autores.

Discussão

Os resultados alcançados não corroboraram com a hipótese inicial de associação entre os dois construtos pesquisados, além de ter apontado ausência de correlação, explicitadas nas dimensões medidas pelos instrumentos. A Escala de Automonitoria apresenta dois fatores denominados de: Fator - 1 Reações externalizantes, que se referem a expressão de comportamentos para manejar as circunstâncias interativas do contexto e expressos prevalentemente de forma aberta - ideias, concepções e condutas são exteriorizadas publicamente; Fator - 2 Reações internalizantes, expressam comportamentos que administram

as contingências do contexto principalmente de forma encoberta - as ideias e opiniões da pessoa são mantidas e esta respeita suas concepções.

É relevante ressaltar que a automonitoria refere-se às diferenças individuais quanto ao controle expressivo do comportamento, da autoapresentação e da expressão não verbal de situações que sensibilizam (Snyder, 1979b). A escala construída e revisada (Snyder & Gangestad, 1986) na versão de 18 itens propõe diferenciar indivíduos com alta e baixa automonitoria, sendo que os primeiros teriam maior capacidade e motivação de responderem às pistas situacionais. Snyder (1974) desenvolve a Escala de Automonitoria com o objetivo de que o instrumento mensure cinco componentes hipotéticos do construto: adequação social de autoapresentação, atenção à informação de comparação social, controle da auto-apresentação e comportamentos expressivos, apresentações estratégicas de autoapresentação e estados afetivos e especificidade situacional de autoapresentação e comportamento expressivo.

Assim, o construto automonitoria (Snyder, 1979a) envolve a concepção de como o indivíduo pensa de si mesmo. Desta forma, foram incluídos o autoconceito e as relações interpessoais. Pessoas com altos escores em automonitoria se definem como pragmáticas e direcionadas pelas contingências situacionais e as exigências dos papéis sociais. Por outro lado, pessoas com baixos escores em automonitoria percebem-se como reguladas por fatores internos e atributos duradouros (Leone, 2006).

Já o Inventário de Habilidades Sociais avalia cinco fatores específicos: F1 – Enfrentamento e Autoafirmação com Risco que descreve situações relacionadas à assertividade; Auto-exposição na Expressão de Afeto Positivo e revela situações que ocorrem demandas de autoafirmação nas expressões de afetos; F3 – Conversação e Desenvoltura Social e mostra situações que ocorrem demandas de saber lidar bem com situações sociais neutras; F4 – Autoexposição a Desconhecidos ou a Situações Novas e apresenta situações que ocorrem demandas de enfrentamento a situações inusitadas F5 – Autocontrole da

Agressividade em Situações Aversivas e abrange maneiras de como o sujeito vai se portar perante a agressão.

Ademais, o Inventário de Habilidades Sociais mensura o construto definido como “classes de comportamentos sociais que somente podem ser classificadas como tais na medida em que contribuem para a competência social” (Del Prette & Del Prette, 2017, p. 21).

Destaca-se que as Habilidades Sociais descrevem uma situação de relação interpessoal e uma demanda de habilidade em resposta a determinada situação. No campo das habilidades sociais a automonitoria é definida como a “habilidade geral de observar, descrever, interpretar e regular pensamentos, sentimentos e comportamentos em situações sociais” (Del Prette & Del Prette, 2006, p. 1).

Nesse seguimento, entende-se que os dados obtidos refletem conceitos latentes que diferem entre si, não tendo sido encontrado evidências de validade convergente ou discriminantes. Pesquisas prospectivas podem conduzir a elaboração de instrumento que mensure a automonitoria no campo das habilidades sociais; compreendendo a automonitoria como a habilidade fundante responsável por qualquer desempenho social competente. Apesar da automonitoria abranger questões sobre relações interpessoais, o conceito proposto por Snyder (1974) em muito diverge do campo das habilidades sociais.

Considerações finais

O estudo realizou uma revisão conceitual sobre o conceito de automonitoria e pretendeu apresentar indicadores de validade convergente e discriminante entre as escalas de automonitoria e a de habilidades sociais. A avaliação em psicologia pode ser explicada com um processo complexo de investigação por meio da coleta e interpretação de dados obtidos por um conjunto de procedimentos confiáveis. A automonitoria é um termo em psicologia que apresenta definições diferentes. Ter um instrumento que mensure automonitoria na perspectiva da Análise do Comportamento e do campo das Habilidades Sociais implica em

definir operacionalmente o conceito de forma coerente com esta perspectiva, implicando ainda em questões teóricas, metodológicas, empíricas e práticas.

Por outro lado, entende-se que a busca de evidências de validade de instrumentos que mensurem estruturas subjacentes constituiu um processo. A pesquisa desenvolvida não se encerra no que foi obtido, mas favorece investigação prospectiva da validade/fidedignidade da estrutura fatorial de 18 itens encontrada nas análises da EGA (submetido), haja vista que a relação obtida entre as duas versões da escala de Automonitoria (10 e 18 itens) apresentaram correlação moderada.

O estudo possibilitou a discussão teórica e operacional entre o conceito de automonitoria proposto por Snyder (1974) e o proposto pela Análise do Comportamento. A distinção entre os conceitos acentua a importância da definição teórica dos construtos para conduzir pesquisas envolvendo automonitoria. Pesquisas futuras poderiam utilizar e comparar a Escala de Automonitoria e o Inventário de Habilidades Sociais com outras amostras de participantes de diferentes regiões do país.

Referências

- Bohm, C. H., & Gimenes, L. S. (2012). Reatividade ao Automonitoramento em uma Portadora da Síndrome do Intestino Irritável. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 293-301.
- Barreiros, J. (2011). *Automonitoragem: processo baseado no comportamento prossocial* [Dissertação de mestrado, Instituto de Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida-ISPA].
- Dantas, C., & Rodrigues, C. C. (2013). Estratégias metacognitivas como intervenção psicopedagógica para o desenvolvimento do automonitoramento. *Revista Psicopedagogia*, 30(93), 226-35.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de habilidades sociais: Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2006). *Habilidades sociais: Conceitos e campo teórico-prático*. www.rihs.ufscar.br
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2003). Desenvolvimento interpessoal: Uma questão pendente no ensino universitário. In E. Mercuri, & S. A. J. Polydoro (Eds.), *Estudante universitário: Características e experiências de formação* (pp. 105-128). Cabral Editora e Livraria Universitária.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2010). Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. *Revista Perspectivas*, 1(2), 104-115.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2017). Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (Orgs.). (2017). *Habilidades sociais intervenções efetivas em grupo* (2ª. ed.). Pearson.
- Dias, T. P. (2014). *Conceituação, avaliação e promoção de automonitoria em pré-escolares e sua relação com competência social e comportamentos-problema*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos].

- Dias, T. P., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2013, novembro). Automonitoria no campo das habilidades sociais: especificação de seus indicadores comportamentais. *Anais IV Seminário Internacional de Habilidades Sociais*.
- Fang, N. (2012). Improving Engineering Students Technical and Professional Skills Through Project-Based Active and Collaborative Learning. *International Journal of Engineering Education*, 28(1), 26-36
- Fuglestad, P.T., & Snyder, M. (2010). Status and the motivational foundations of self-monitoring. *Social & Personality Psychology Compass*, 4, 1031–1041.
- Guarino, A, Michael, W.B., & Hocevar, D. (1998). Self-Monitoring and student integration of community college students. *The Journal of Social Psychology*, 138(6), 754-757.
<https://doi.org/10.1080/0022454980960326>
- Kienen, N., Kubo, O. M., & Botomé, S. P. (2013). Ensino programado e programação de condições para o desenvolvimento de comportamentos: alguns aspectos no desenvolvimento de um campo de atuação do psicólogo. *Acta Comportamental*, 21(4), 481-494.
- Leone, C. (2006). Self-monitoring: Individual differences in orientations to the social world. *Journal of Personality*, 74, 633-657.
- Monteiro, M. C., & Soares, A. B. (2017a). Concepção de estudantes sobre resolução de problemas e automonitoria. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(2), 333-341.
<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02121124>
- Monteiro, M. C., & Soares, A. B. (2017b). Adaptação e validação da escala de automonitoria para o português do Brasil. *Avaliação Psicológica*, 21(2), 169-175.
- Mourão, L., & Puente-Palacios, K. E. (2006). Formação profissional. In J. E. Borges-Andrade, G. S. Abbad, & L. Mourão (Eds.), *Treinamento, Desenvolvimento e*

- Educação em Organizações e Trabalho: fundamentos para a gestão de pessoas* (pp. 41-64). Artmed.
- Ponsa, P., Manresa-Yee, C., Arellano, D., Gomez, J., & Perez, A. (2012). Human-Centred Design in Engineering Curricula. *International Journal of Engineering Education*, 28(4), 767–777.
- Robalinho, I. G. C. (2013). *Relações entre automonitoria, problemas de comportamento e habilidades sociais na infância* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos].
- Schutte, N. S., Malouff, J. M., Hall, L. E., Haggerty, D. J., Cooper, J. T., Golden, C. J., & Dornheim, L. (2001). Development and validation of a measure of emotional intelligence. *Personality and Individual Differences*, 25, 167-177.
- Snyder, M. (1974). Self-monitoring of expressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 30, 526–537.
- Snyder, M. (1979a). Cognitive, behavioral, and interpersonal consequences of self-monitoring. In P. Pliner, K. R. Blankstein, & I. M. Spiegel (Eds.), *Advances in the study of communication and affect: Perception of emotion in self and others* (Vol. 5, pp. 181–201). Plenum Press.
- Snyder, M. (1979b). Self-monitoring processes. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (vol. 12, pp. 85–128). Academic Press.
- Snyder, M., & Gangestad, S. (1986). On the nature of self-monitoring: Matters of assessment, matters of validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 125–139.
- Soibel, A., Fong, K., Mullin, J. B., Jenkins, G. & Mar, R. A. (2012). “Is self-monitoring related to social comparison? It depends how you ask”. *Individual Differences Research*, 10(4), 193-201.

Sütcü1, C. S., Algül, A., & Uralman, N. H. (2015). Sender's self-monitoring traits: conducive factors affecting interpersonal communication among turkish university students.

Gumushane University and Journal of Faculty of Communication, 3(1), 1-16.

Vendramine, C. M., & Benvenuti, M. F. L. (2013). Promoção de mudanças de comportamentos em crianças: O papel do automonitoramento do comportamento dos cuidadores. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 5-20.